

**Comunicação em movimento: tecnologia *Wi-fi* nos ônibus da empresa Verde Vale – Gaspar/ SC.<sup>1</sup>**

Dalila Floriani Petry<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) / Grupo de Estudos em Ciberantropologia (GrupCiber)

**Resumo**

Este artigo é um desdobramento de um pequeno trabalho de campo de cunho antropológico realizado com a Empresa Verde Vale Viação, localizada na cidade de Gaspar – SC, que oferece gratuitamente a tecnologia *Wi-fi* aos usuários de seus ônibus. Procurou-se desenvolver uma contextualização acerca da temática da Cibercultura sob horizonte teórico da Antropologia, bem como uma discussão acerca de algumas especificidades metodológicas. Desenvolveu-se também um debate acerca de alguns pontos considerados centrais acerca da comunicação móvel urbana, a partir do caso da empresa Verde Vale.

**Palavras-chave**

Internet; Ciberespaço; Antropologia; Mobilidade.

**Abstract**

This article is an outgrowth of a initial field work done with the Transportation Company “Viação Verde Vale”, located in the city of Gaspar - SC, which offers free Wi-Fi to users in their bus. We look to develop a context to the subject of Cyberculture in theoretical horizon of

---

<sup>1</sup> Artigo científico apresentado ao eixo temático “Jogos, Redes Sociais, Mobilidade e Estruturas Comunicacionais Urbanas”, do V Simpósio Nacional da ABCiber.

<sup>2</sup> Atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) sob orientação do professor Dr. Theophilos Rifiotis. É Bacharel em Ciências Sociais pela UFSC, licenciada em Ciências Sociais pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB) e membro do Grupo de Estudos em Ciberantropologia (GrupCiber) da UFSC.  
E-mail: dalilafloiriani@gmail.com.

anthropology, as well as a discussion of some methodological specificities. Has also developed a discussion on some points considered central urban mobile communication about the case from the company's Verde Vale.

### **Key words**

Internet; Cyberspace; Anthropology; Mobility.

### **Conectando conceitos**

Pois que a vida é assim: aperta-se o botão e a vida acende. Só que ela não sabia qual era o botão de acender. Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável.

Clarice Lispector. *A hora da estrela*.

As inovações tecnológicas – sobretudo àquelas ligadas aos meios de comunicação – intensificadas a partir do final do século passado promoveram (e promovem) mudanças substanciais nas interações, modos de ser, pensar e agir de muitas pessoas. Tal arguição já é, inegavelmente, um fato dado. Muitas pesquisas situadas no interior de inúmeras áreas do conhecimento tem procurado refletir acerca de tais mudanças. A Antropologia, especificadamente quando desenvolve pesquisas nesse âmbito, ocupa-se, sobretudo, de repensar modos de sociabilidades a partir da e na internet.

Os estudos antropológicos inseridos nesse contexto são sobre o que é chamado de *Cibercultura* e as pesquisas relativas a essa temática abrem a possibilidade de refletir acerca da conjugação de novas tecnologias, novas mídias e seus diversos usos a partir do e no *ciberespaço*. Com o surgimento, consolidação e crescente utilização da internet, o *ciberespaço* constituiu-se em uma temática também da agenda antropológica, exigindo, portanto, o repensar teórico-metodológico; sobretudo porque as pesquisas relacionadas a esse tema possibilitam experiências de campo singulares<sup>3</sup> em comparação com pesquisas realizadas mais comumente no âmbito da produção antropológica.

---

<sup>3</sup> Ao não apresentar um *lugar físico específico* ao contrário das referências que se costuma encontrar aos trabalhos de antropólogos que passavam, comumente, longos períodos morando em lugares distantes, vivenciando suas experiências de campo cotidianamente e de maneira muito intensiva.

Nesse sentido, Rifiotis (2010), na apresentação do livro “Antropologia do Ciberespaço”, do qual é um dos organizadores, afirma que

somos nativos do ciberespaço e nosso olhar sobre ele está situado na fronteira entre a nossa observação e a nossa experiência. Numa tal antropologia, em que sujeitos e objetos se encontram, o diálogo se impõe como uma necessidade, assim como a postura crítica. Trata-se de colocar em suspensão tanto a autoridade do sujeito quanto a familiaridade com o objeto, e a partir desse deslocamento produzir uma reflexão e uma narrativa marcadas pelo contínuo movimento entre o “interior” e “exterior” das experiências sociais e da própria produção antropológica. Em síntese, é um projeto [refere-se aqui a perspectiva teórica-metodológica do GrupCiber] que procura resgatar nos estudos do ciberespaço a dimensão vivencial dos sujeitos que nele habitam e discutir criticamente a inteligibilidade de uma antropologia no ciberespaço. (p. 07).

Ao trabalhar com questões concernentes à cibercultura sob uma ótica antropológica, assume-se discutir questões de cunho metodológico<sup>4</sup> e procura-se manter em perspectiva a dimensão vivencial dos sujeitos que atuam no e a partir do *ciberespaço*.

Este artigo propõe-se a desenvolver uma breve contextualização dessa temática sob a ótica da Antropologia, o que envolve discutir acerca de algumas das principais questões metodológicas. E a partir disso, pretende-se discutir alguns pontos centrais percebidos a partir de um pequeno trabalho de campo e entrevista que realizei, no dia 27 de junho de 2011, na Empresa Verde Vale Viação<sup>5</sup> que oferece gratuitamente a tecnologia *Wi-fi*<sup>6</sup> aos usuários de seus ônibus. Fiz uma *entrevista* com um dos responsáveis e implementadores do projeto nessa empresa e também um pequeno *campo*, que consistiu em percorrer alguns trajetos com os ônibus munidos dessa tecnologia para observar se alguns dos usuários desse transporte utilizavam a tecnologia *Wi-fi* naquele momento e procurar acessar a internet a partir dos ônibus. Pretende-se, portanto, desenvolver algumas discussões acerca de possibilidades e usos de comunicação movel (ou sem fio) no contexto urbano de transporte público.

### **Pensando o ciberespaço: traços em redes**

<sup>4</sup> Sobretudo questões relacionadas à *etnografia*.

<sup>5</sup> Empresa de ônibus localizada em Gaspar (SC) que oferece itinerários entre as cidades catarinenses de Blumenau, Gaspar e Ilhota. A maioria dos usuários dessa empresa são trabalhadores que moram em alguma das cidades vizinhas e trabalham em outra, além de estudantes.

<sup>6</sup> Dispositivo que oferece acesso à internet sem fio.

Os trabalhos que se ocupam das relações na e a partir da internet são crescentes, afinal é um tema que, pela presença e interferência no cotidiano de muitas pessoas, adquire importância justificada nas pautas de pesquisas de muitas áreas. No entanto, muitos desses estudos ainda concebem as relações e interações a partir da e na internet através de perspectivas limitadas a alguns pontos específicos – e que talvez já tenham sido superados –, como, por exemplo, ao concebê-la a partir da dicotomia *on / of line*<sup>7</sup>. Assim como se entende ser fundamental considerar essas relações visando outras possibilidades, tais como a mobilidade: a possibilidade de acesso a internet através de muitos aparelhos moveis de modo cada vez mais abrangente.

Percebe-se também que, ao tratar das inovações técnicas e interações sociais engendradas a partir delas, normalmente o técnico é *isolado* do social<sup>8</sup>. É (quase) usual que cada uma dessas instâncias seja percebida em separado e de maneira independente. O que se pretende observar é uma postura a partir de outra perspectiva, que permita *rastrear* as interações considerando o técnico e o social em concomitância.

Ao se propor uma reflexão acerca da internet que não considere o social em detrimento do técnico e vice-versa é interessante considerar a noção de *redes sociotécnicas* (Latour, 2008). Tal noção é substancial para a percepção de objetos não humanos, além dos humanos, que interagem produzindo modificações. Considerando, sobretudo, que ao pensar nos usos (a partir) da internet, vários *objetos* específicos (computador, celular, teclado, conexão, senhas etc.) ocupam e desempenham papel imprescindível e determinante em muitos aspectos.

Nesse sentido, Segata (2008, p. 10) argumenta que

humanos e não-humanos formam coletivos assim coletivos, onde ambos são simetricamente dotados de agência. Isso implica, por alto, em se abrir para pensar que o próprio computador, a tela, as teclas, os *sites*, os *softwares*, os *hardwares* e

---

<sup>7</sup> Procura-se pensar as relações engendradas no ou a partir do “ciberespaço” em uma perspectiva mais ampla, no sentido de não se limitar à condição de estar ou não conectado. Uma vez que se parte da prerrogativa de que não é preciso, necessariamente, estar conectado diretamente em determinados momentos para estar agindo e / ou interagindo. Pode-se pensar, para ilustrar tal concepção, nas possibilidades de respostas automáticas de *e-mails*, por exemplo, ou que uma pessoa leia e interaja com um comentário escrito no *Facebook* em um momento que o autor do comentário não esteja conectado.

<sup>8</sup> Conforme demonstrou Rifiotis na mesa redonda intitulada “Antropologia no ciberespaço: fundamentos teórico-metodológicos da cibercultura” apresentada no II Simpósio da ABCiber no ano de 2008. Para o autor, apesar da afirmação de se realizar trabalhos com caráter “sociotécnico”, comumente termina-se por excluir os objetos – não-humanos – das análises e acaba-se por instituir agência apenas aos sujeitos humanos. O vídeo da mesa redonda está disponível em [http://www.cencib.org/simposioabciber/anais/mesas/videos/?autor=Theophilos\\_Rifiotis](http://www.cencib.org/simposioabciber/anais/mesas/videos/?autor=Theophilos_Rifiotis).

tudo aquilo que não é humano são antes de tudo agentes nessas associações e não apenas cenários, ou meios para relações entre sujeitos humanos.

Assim, torna-se imprescindível procurar compreender os humanos e não-humanos como coletivos dotados simetricamente de potência de agência. De modo que, a partir de uma perspectiva *sociotécnica*, evidencie-se a importância de considerar com igual *status* os fenômenos sociais e técnicos no interior da temática em questão; bem como pensar nos termos de uma *traçabilidade do social*<sup>9</sup>, procurando identificar os *traços (rastros)* deixados.

Considera-se fundamental, portanto, o ponto de vista apresentado por Latour (2008) de que os *não-humanos* também podem ser considerados atores<sup>10</sup> e não simplesmente portadores de uma projeção simbólica. Torna-se necessário, sob essa ótica, também dispensar *agência* à internet e / ou a outros *dispositivos* que se percebam dotados de agência.

Também entendo como imprescindível a noção de *dispositivo* ao se referir aos *softwares, sites, plataformas, conexão* etc. que possibilitam acesso e interações a partir da e na internet. Compreende-se, nesse sentido, ser importante a acepção desenvolvida por Giorgio Agamben de que *dispositivo* pode ser “qualquer coisa que tenha de algum modo capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”, (2005, p. 13). Os dispositivos, no sentido desenvolvido pelo filósofo italiano são *produtivos*, produzem efeitos que os mesmos não conseguem controlar. Tal contribuição elucidada que, ao refletirmos acerca de possíveis sociabilidades a partir da e na internet, é fundamental que dispensemos a esses dispositivos, os quais possibilitam atualizar a potência virtual dessas relações, a *agência* de modificar, de orientar tais relações. Vale lembrar que a internet é dependente de uma série de “objetos” para materializar determinadas interações, e que tais interações são mediadas – modificadas – por esses objetos.

Partindo desses pressupostos entendo que não se pode considerar a “rede” estabelecida de antemão, ou seja, não se pode considerá-la uma *entidade* fixa, previamente estabelecida, independentemente das experiências individuais e passível de uma *explicação*. A respeito das possíveis redes, Segata (2008, p. 7) lembra que

---

<sup>9</sup> Para Latour (2007, p. 88) as novas formas de traçabilidade surgidas nos últimos quinze anos “consistent pour l’essentiel à identifier la « trace » que les membres des sociétés développées laissent derrière eux par le simple fait d’utiliser une technique numérique quelconque”.

<sup>10</sup> Considerando que para Latour (2008), ator é aquele ou aquilo que produz diferença. O autor também utiliza o termo *actante*, para marcar a diferença do termo *ator* que nos usos mais correntes envolvem apenas humanos.

as redes não são um meio para transportar algo de maneira intacta, elas são transformadas e transformam o que por elas passa, já que o que passa, também associa e gera efeito. [...] Acentue-se aqui o potencial de ação presente nas redes, onde humanos e não-humanos estariam agindo, transformando, traduzindo-se mutuamente.

A “rede” é, assim, remetida a fluxos, circulações e alianças, nas quais os atores envolvidos interferem e sofrem interferências constantes (Freire, 2006). Considero, portanto, e de acordo com uma perspectiva sociotécnica, ser fundamental que se perceba na rede – de minha experiência<sup>11</sup> – atores que não estavam previstos. É fundamental relacionar os atores e agências percebidos – as redes – com os contextos em que a experiência se dá e em que os dados são construídos. Afinal, e de acordo com Wagner, “um contexto é uma parte da experiência – e também algo que nossa experiência constrói; é um ambiente no interior do qual elementos simbólicos se relacionam entre si, e é formado pelo ato de relacioná-los” (2010, p. 78). Desse modo, o que o antropólogo observa está, intrinsecamente, ligado ao lugar que ele ocupa, aos contextos em que (se) relaciona, a sua biografia, envolvimentos etc. Peirano também discute essas questões, uma vez que,

na antropologia, a pesquisa depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas da disciplina em determinado momento, do contexto histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram no dia-a-dia no local da pesquisa, entre pesquisador e pesquisados. (1992, p. 9)

Em confluência com esses pressupostos, considera-se válido e coerente pensar a temática de estudo de meu interesse a partir de algumas noções que a Teoria Ator-Rede (TAR), desenvolvida por Latour, preconiza. Sobretudo no sentido de que na TAR, “metodologicamente, trata-se de seguir as coisas através das redes em que elas se transportam, descrevê-las em seus enredos” (2004, p. 397). Ou seja, procurar situar e identificar os acontecimentos em seus próprios contextos, nos termos da experiência desenvolvida. Tal postura contribui para que se identifiquem, mais facilmente, outros atores – além dos humanos – nas interações observadas.

Tais pressupostos e acepções teóricas foram desenvolvidos, sobretudo, durante a elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso<sup>12</sup>. Ao procurar desenvolver um trabalho de cunho etnográfico acerca das experiências que estabeleci em um trabalho de campo a partir

<sup>11</sup> Uma vez que a “rede”, ou as redes, que estabeleço estão intrinsecamente relacionadas aos contatos que mantenho, competências técnicas que desenvolvo, dispositivos que aciono, enfim, os “caminhos que percorro”.

do Twitter<sup>13</sup>, foi preciso repensar *como* elaborar o trabalho e também *como* produzir a etnografia, ou seja, o texto. Destacando que nesse processo percebeu-se imprescindível discutir as limitações textuais<sup>14</sup>. Tais reflexões servem como ponto de partida para os aprofundamentos e novas perspectivas que pretendo continuar desenvolvendo ao longo do mestrado, sobretudo a pensar experiências a partir da e na internet tendo como pano de fundo outros contextos, outras maneiras. Como é o caso da disponibilização da tecnologia *Wi-fi* por parte de uma empresa de ônibus de uma cidade no interior do estado de Santa Catarina. Sem dúvida, manter o horizonte teórico acima apresentado, sobretudo ao que diz respeito a perceber as *redes* (possíveis de serem potencializadas com a internet) enquanto fluxos, circulações, enfim, não percebê-las inertes; ajuda a considerar a internet (e todos os seus possíveis desdobramentos) enquanto também *atores* nos processos, afinal, o que é tecnicamente possível, muitas vezes, ajuda a determinar o que podemos fazer, de que modos podemos comunicar.

### **Internet movel: *Wi-fi* nos ônibus da empresa Verde Vale**

A breve inserção de campo que realizei<sup>15</sup> se deu no dia 27 de junho de 2011, na Empresa Verde Vale Viação. Essa pequena empresa é responsável pelas linhas de ônibus que interligam os municípios de Blumenau, Gaspar e Ilhota, localizados no Médio Vale do Itajaí, em Santa Catarina. A empresa pode ser considerada de pequeno porte, conta com uma frota de vinte ônibus e como sua principal demanda atende trabalhadores e estudantes<sup>16</sup> que moram em uma das cidades e trabalham ou estudam em outra.

---

<sup>12</sup> FLORIANI, Dalila. **Seguindo minha participação no Twitter**. Descrição da experiência e interações vivenciadas a partir do Twitter, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Orientação: Prof. Dr. Theophilus Rifiotis.

<sup>13</sup> O Twitter <[www.twitter.com](http://www.twitter.com)> é considerado um serviço de *microblog* que permite a troca de mensagens com no máximo 140 caracteres, ou seja, há uma fluidez muito grande a partir das interações. A minha experiência de campo consistiu em criar e manter um “perfil” no Twitter seguindo sugestões de um guia sobre o Twitter, de modo a direcionar minhas experiências a partir do olhar de autores considerados especialistas nessa “rede social”.

<sup>14</sup> Tendo em vista a perspectiva lembrada por Strathern de que a exegese antropológica é um “esforço para criar um mundo paralelo ao mundo observado, através de um meio expressivo (o texto escrito) que estabelece suas próprias condições de inteligibilidade. A criatividade da linguagem escrita é, assim, tanto recurso como limitação” (2006, p. 47).

<sup>15</sup> O que se desenvolve aqui é um primeiro esboço de um trabalho que se pretende continuar.

<sup>16</sup> Sobretudo alunos dos Centros de Ensino Superior dessas cidades e da Fundação Universidade Regional de Blumenau, FURB.



O interesse para a realização dessa pequena incursão com pretensões etnográficas se deu quando estava retornando de Blumenau para Florianópolis em um final de semana e, parada em uma fila de carros na cidade de Gaspar, observei que os ônibus da Viação Verde Vale tinham o adesivo de identificação de lugares que disponibilizam tecnologia *Wi-fi*. Considerei tal fato muito curioso e pesquisei na internet a respeito da empresa. O site institucional da empresa está em reformulação, portanto não encontrei, a princípio, nenhuma informação institucionalizada. Localizei, no entanto, algumas matérias jornalísticas em sites de notícias e *blogs* que confirmavam que a empresa, a partir do início do ano de 2011, estava disponibilizando conexão *Wi-fi* para seus passageiros. Entrei então em contato com a empresa e conversei com o Sr. Valério<sup>17</sup>, um dos responsáveis por disponibilizar e manter tal tecnologia, e marcamos uma *entrevista*.

O trabalho de campo em si, constitui-se, portanto, de uma entrevista com o Sr. Valério e uma experiência pessoal de utilizar a tecnologia *Wi-fi* em alguns ônibus (saí de Blumenau e fui até a empresa, que se localiza em Gaspar, com ônibus Verde Vale e tentei acessar a internet a partir de um telefone celular durante o trajeto). Por se tratar de um trabalho de campo que se pretende antropológico – e, portanto, etnográfico –, há algumas questões específicas a serem consideradas ao que concerne o trabalho de campo em si.

Em relação à entrevista, há uma série de questões metodológicas muito pertinentes de serem problematizadas. Talvez uma das mais importantes seja a dimensão que Briggs (1986) coloca: a entrevista deve ser percebida como uma *relação social*, precisamos vê-la em contextos, que são dinâmicos. Viveiros de Castro (2002), para quem o conhecimento antropológico também é uma relação social, afirma que o antropólogo não pode pressupor que seu “objeto” faz as mesmas associações que ele, que o *nativo* pensa como ele. Para ele, o problema é que “o nativo certamente *pensa*, como o antropólogo; mas, muito provavelmente, ele não pensa como o antropólogo” (p. 04 – grifo do autor). Ou seja, é preciso manter em perspectiva a dimensão de não somos – ou não podemos ser – *inquisidores* (Ginzburg, 1989) ouvindo respostas neutras de nossos *réus*, que dariam as mesmas respostas independentemente do contexto, ou de quem faz a entrevista. Uma entrevista que realizei, portanto, só foi possível ter ocorrido da *maneira* como foi, por ter sido feito por mim, naquele contexto específico. Outro pesquisador fazendo uma entrevista com o mesmo sujeito, com os mesmos objetivos e em contexto semelhante, ainda assim teria outra relação social, quiçá, até

---

<sup>17</sup> O Sr. Valério, durante a entrevista, disse-me que poderia utilizar o seu nome e o nome da empresa sem problemas durante a elaboração de meu trabalho. Aproveito para agradecer a empresa Viação Verde Vale e o Sr. Valério por terem gentilmente me recebido e colaborado com todas as informações apresentadas nesse artigo.



mesmo outras informações. Afinal, uma entrevista ocorre a partir de diálogos, do que o sujeito sente-se a vontade para falar – ou do que identifica que seja relevante falar. E em um diálogo, o “ouvinte” também ajuda a definir o que se fala.

Em relação à *experiência* de campo é preciso estar atento, também, ao contexto, as influências que podem interferir ou até mesmo definir os dados que se pode obter. No caso específico da minha experiência em questão, alguns dias antes de realizar o trabalho de campo fui assaltada. O ladrão roubou o *smartphone*<sup>18</sup> que utilizaria para realizar meu trabalho de campo, tanto para fazer a gravação da entrevista quanto para acessar a internet a partir dos ônibus. Desse modo, essa dimensão ou o “período prático” da pesquisa que DaMatta (1978) problematiza, interferiu sobremaneira em meu trabalho de campo. Fui forçada a repensar a dinâmica: decidir se iria adquirir outro *smartphone*<sup>19</sup> antes do trabalho de campo ou encontrar um meio alternativo. Optei pela segunda via que consistiu em utilizar o telefone celular da minha irmã para a realização dessa experiência. Além de encontrar a solução, tive outras questões de uma dimensão técnica. Ao fazer a experiência de utilizar a internet a partir do ônibus tive dificuldades de utilizar um aparelho celular que não era meu, que possui comandos e possibilidades diferentes. Desse modo, há muitas dimensões que podem interferir em nossos trabalhos de campo. E se invisibilizamos tais dimensões estamos artificializando, sobremaneira, nossa experiência.

Algumas das questões centrais que são consideradas centrais a partir dessa experiência estão relacionadas com a reconfiguração de modos de comunicação a partir de contextos urbanos. André Lemos (2007a), em seu texto que trata da mobilidade social e suas transformações no espaço urbano provocado pelo desenvolvimento dos meios de comunicação decorrentes da própria dinâmica da industrialização e da urbanização da era moderna, afirma que as mídias reconfiguram os espaços urbanos, os subúrbios, os centros, dinamizam o transporte público e tornam mais complexo esse organismo-rede que são as cidades. Desse modo, a exemplo da empresa Verde Vale, podemos considerar que há uma intensa preocupação por parte de algumas empresas<sup>20</sup>, de participar desse movimento de reconfigurações sociais a partir das mais variadas mídias. No caso dessa empresa, a ideia para disponibilizar a tecnologia *Wi-fi* surgiu a partir da leitura, por parte do proprietário, de uma

---

<sup>18</sup> Telefone celular que possui tecnologia que permite o acesso a rede *Wi-fi*.

<sup>19</sup> Há, portanto, uma dimensão financeira que também interfere na organização prática do trabalho de campo.

<sup>20</sup> No caso em questão, a empresa Verde Vale disponibiliza o acesso à tecnologia *Wi-fi* de maneira totalmente privada, não há nenhum tipo de auxílio por parte do governo, nem na esfera municipal, nem na esfera estadual.

revista direcionada à viação. Nesta revista, havia uma reportagem que tratava da experiência da Stadtbus Transportes<sup>21</sup>, uma empresa de transportes na cidade de Bagé (RS) que disponibilizava a tecnologia *Wi-fi* em seus ônibus. Segundo o Sr. Valério, o proprietário da empresa Verde Vale considerou esse serviço interessante e, a partir de pesquisa para avaliar a viabilidade, resolveu reaplicar a ideia. Segundo Sr. Valério,

a ideia foi mais ou menos isso, de tipo: como todo mundo hoje usa a internet para se comunicar, a ideia do patrão foi essa, a gente podia colocar [tecnologia *Wi-fi*], às vezes a pessoa está indo para a Universidade e não terminou um trabalho, não terminou alguma coisa, precisa fazer uma pesquisa, se comunicar com os amigos. Enfim, usar para o que quiser, entende? Então a gente colocou livre, que é um risco que a gente corre, está ali aberta, qualquer um usa (...). Teve uma aceitação boa.

Ou seja, pode-se perceber, por parte da empresa, uma preocupação em oferecer serviços que poderiam ser úteis para seus clientes, além, é claro, de inovar ao oferecer um serviço inédito no estado. Segundo os dados obtidos a partir da entrevista, a intenção primeira da empresa, no entanto, não constituía em aumentar o número dos usuários de seu serviço de transporte público<sup>22</sup>, mas sim oferecer um diferencial de conforto aos seus clientes.

Segundo o Sr. Valério, a disponibilização de tal tecnologia teve uma boa aceitação, o que incluiu (e ainda inclui) uma certa surpresa das pessoas ao saberem da tecnologia. Um dos principais modos de divulgação desse serviço por parte da empresa é através de adesivos (que são quase que padrão para lugares que oferecem a tecnologia *Wi-fi*) colados nos ônibus (conforme figura 01). Eu mesma soube desse serviço da Verde Vale através do adesivo de um dos ônibus.



**Figura 01 - Adesivo de divulgação da disponibilidade de tecnologia *Wi-fi* em um dos ônibus da Viação Verde Vale**

<sup>21</sup> Maiores informações sobre essa experiência não foram consideradas na construção desse artigo, no entanto, pretende-se fazê-lo em próximos trabalhos.

<sup>22</sup> Que, de acordo com os dados da entrevista, vem diminuindo frequentemente nos últimos anos. Sobretudo porque, segundo o Sr. Valério, hoje as condições de compra de automóveis são facilitadas e assim, cada vez mais o número de pessoas que depende do transporte público diminui.

A tecnologia é oferecida a partir de roteadores instalados nos ônibus com *pen-drive*, conforme internet movel a partir de *chip*, serviço oferecido por empresas de telefonia celular. A princípio a Verde Vale disponibilizaria a tecnologia apenas em alguns ônibus, sobretudo aqueles que fariam os trajetos e horários que atende os estudantes universitários. No entanto, decidiram disponibilizar em toda a frota<sup>23</sup>, pois, segundo o Sr. Valério,

Nós [a empresa Verde Vale] pensamos melhor e vimos que o custo não era tão elevado assim e botamos em todos os ônibus. Por quê? A pessoa acaba se acostumando com aquilo, quando a gente tem a situação de um ônibus que tem um problema mecânico, vai para uma manutenção, aí o cidadão entre no ônibus e “oh, não tem internet, mas como é, ontem tinha, hoje não tem!”. Então para evitar esse tipo de problema a gente colocou na frota toda (...). A idéia foi mais ou menos isso, tipo, como todo mundo hoje usa internet para se comunicar, a ideia do patrão foi essa: “Poxa, a gente podia colocar, tá indo para a universidade, não terminou um trabalho, não terminou alguma coisa, precisa fazer alguma pesquisa, se comunicar com os amigos, enfim, usar o que quiser, entende?”.

Pode-se perceber, portanto, uma lógica voltada para a *comunicação móvel*, nesse caso, literalmente. Há, então, a percepção de uma demanda crescente para a utilização de modalidades de comunicação via internet além dos *lugares* de acesso “mais tradicionais” como casa, trabalho, *lan-houses*. Segundo dados obtidos a partir da entrevista, a grande maioria dos usos feitos da tecnologia *Wi-fi* a partir dos ônibus da empresa Verde Vale são através de telefones celulares e para acessar *redes sociais*, como Facebook, Twitter ou verificar e-mail, utilizar dispositivos de conversação como Messenger etc. Lemos (2007b) considera o telefone celular como um *dispositivo híbrido*. Para o autor,

pensar o celular como um “Dispositivo Híbrido Móvel de Conexão Multirredes” (DHMCM) ajuda a expandir a compreensão material do aparelho e tirá-lo de uma analogia simplória com o telefone. A denominação de DHMCM permite defini-lo melhor e com mais precisão. O que chamamos de telefone celular é um *Dispositivo* (um artefato, uma tecnologia de comunicação); *Híbrido*, já que congrega funções de telefone, computador, máquina fotográfica, câmera de vídeo, processador de texto, GPS, entre outras; *Móvel*, isto é, portátil e conectado em mobilidade funcionando por redes sem fio digitais, ou seja, de *Conexão*; e *Multirredes*, já que pode empregar diversas redes, como: Bluetooth e infravermelho, para conexões de curto alcance entre outros dispositivos; celular, para as diversas possibilidades de troca de informações; internet (Wi-Fi ou Wi-Max) e redes de satélites para uso como dispositivo GPS. (p. 2)

Ou seja, o celular, por congrega uma série de possibilidades tecnológicas e ser estritamente portátil, acaba por ser o *dispositivo* mais utilizado para acessar a internet *Wi-fi* em lugares

<sup>23</sup> Lembrando que a frota tem um total de vinte ônibus.

públicos, como um ônibus. Para Lucia Santaella (2008), a emergência dos dispositivos moveis provoca a intersecção do ciberespaço com os espaços que nossos corpos circulam. E mesmo que uma pessoa não se utilize desse tipo de *dispositivo* para tais fins, pode conviver com pessoas que o fazem, no banco ao lado do ônibus. Segundo a autora,

o mundo tecnológico não está separado do mundo físico, mas está incrustado nele, fornecendo novos modos de compreendê-lo e se apropriar dele. A mediação tecnológica do ciberespaço condiciona a emergência de novas práticas culturais. Não é por meio da criação de uma esfera separada que isso se dá, mas pela abertura de modalidades diferenciais de práticas que se inserem à sua maneira na vida cotidiana, refletindo e condicionando novas formas de acesso à informação e ao conhecimento. Os espaços eletrônicos estão firmemente situados na experiência vivida, motivados por ela e tomam forma em resposta às suas demandas. (p. 96)

Podemos afirmar que há, portanto, uma grande mudança de *lugares* e *modos* de comunicação em curso. E tais mudanças se inserem em nosso cotidiano, chegam a lugares que, com diferentes níveis de intensidade interferem no dia-a-dia de muitas pessoas. Nesse sentido Lemos (2007a), afirma que “hoje as tecnologias sem fio estão transformando as relações entre pessoas, espaços urbanos, criando novas formas de mobilidade” (p. 123).

Vivenciamos a instauração de uma dinâmica que reconfigura espaços e práticas comunicacionais e de sociabilidades. Há que estar atento, no entanto, em nossas análises, que essa dinâmica envolve muitos agentes (humanos e não-humanos) e que ao interagirmos a partir de / com / em *ambientes generalizados de conexão* (*Idem*) estamos também produzindo novos modos de sociabilidades. Ainda que pareça que estamos apenas checamos nosso e-mail de dentro do ônibus. Ou comentamos no Facebook justamente o fato de acessar a internet a partir de um ônibus.

## Referências bibliográficas

BRIGGS, Charles L. **Learning how to ask: A sociolinguistic appraisal of the role of the interview in social science research.** Cambridge University Press, 1986.

DaMATTA, Roberto. **O ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues.** In: NUNES, Edson de Oliveira (org.) *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social.* Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FREIRE, Leticia Luna. **Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica.** *Comum*, v. 11, n. 26. Rio de Janeiro, 2006.

GINZBURG, Carlo. **O inquisidor como antropólogo: uma analogia e suas múltiplas implicações.** In: *Micro-História e Outros Ensaios.* Difel: Lisboa, 1989.

LATOUR, Bruno. **Reensamblar lo Social.** Buenos Aires: Manantial, 2008.

\_\_\_\_\_. **Rendre Le social à nouveau traçable.** In *La chronique de Bruno Latour*, 2007.

LEMOS, André. **Cidade e mobilidade.** Telefones celulares, funções pós- massivas e territórios informacionais. In: *MATRIZES.* Outubro de 2007a.

\_\_\_\_\_. **Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM).** In: revista *Comunicação, Mídia e Consumo*, v. 04, n. 10. São Paulo: ESPM, 2007b.

PEIRANO, Mariza G. S. **A favor da etnografia.** Série Antropologia, 130: Brasília, 1992.

RIFIOTIS, Theophilos. MÁXIMO, Maria Elisa. LACERDA, Juciano de S. SEGATA, Jean. (orgs). **Antropologia no Ciberespaço.** Florianópolis: Editora UFSC, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Mídias locativas: a internet móvel de lugares e coisas.** In: *FAMECOS*, n. 35. Porto Alegre, abril de 2008.

SEGATA, Jean. **Entre Sujeitos:** o ciberespaço e a ANT. In: II Simpósio Nacional de Pesquisadores em Cibercultura, 2008, São Paulo. Anais do Evento, 2008.

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva:** problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas: Editora da UNICAMP, 2

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **O nativo relativo.** In: *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, Abril, 2002.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.